International Congress of History
Congreso Internacional de Historia
VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA
ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.251

Era Reagan: política externa, militarização e conservadorismo estadunidense na "Nova Guerra Fria"

Rodrigo Candido da Silva (UNIOESTE)

A década de 1980 contempla um momento chave para entendermos a política estadunidense desde então. Antes de tratarmos, com especificidade, de aspectos da política externa dos EUA, é preciso realizar uma breve abordagem acerca do contexto político que leva ao fortalecimento do conservadorismo nos EUA. Visto que a hegemonia de grupos conservadores tem papel fundamental nas políticas belicistas e intervencionistas do país.

A força conservadora sempre foi muito forte nos EUA, defendendo políticas de intervenção em outros países, belicismo e valores morais cristãos bem sedimentados. Todavia, em meados da década de 1970, osconservadores, principalmente os do Partido Republicano, perderam parte de sua força política, devido a momentos espinhosos representados pelo fracasso militar do país: a retirada, e consequente derrota, dos estadunidenses na Guerra do Vietnã[i]. Em adição, pode-se acrescentar a irrupção do grande escândalo político – o Watergate, que provocou a renúncia do republicano Richard Nixon. Por fim, havia o abismo econômico vivido pelos EUA, causado pela alta do preço do petróleo, o enfraquecimento da indústria estadunidense e do seu potencial competitivo frente a outras nações desenvolvidas.

A eleição de Ronald Reagan representou a reconquista do poder pelos Republicanos, que estavam acanhados politicamente, após o desfecho do conflito no Vietnã e a queda de Nixon, porém, sem deixarem de realizar oposição ao diplomático e comedido Democrata Jimmy Carter, que já em 1978 perdeu terreno no Senado para uma maioria Republicana. Desse modo, a vitória de Reagan concretiza a hegemonia conservadora e o retorno ao poder de setores de direita nos EUA, que buscavam retomar, às vezes de forma intransigente, seus ideais militaristas.

A política externa sempre teve um peso enorme no governo Reagan, tendo visto que as principais decisões políticas daquele governo, geralmente se

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.251

relacionaram com questões da esfera das relações internacionais. No entanto, conforme afirmamos anteriormente, baseados no conceito "sistema-mundo", desenvolvido por Wallerstein, partimos do pressuposto de que política externa e política interna atuam de forma integrada, uma influenciando a outra mutuamente[ii].

Walter LaFeber (1994) afirma que a Doutrina Reagan, ou seja, o conjunto de ideias que pautavam a política externa e as negociações militares, nas quais os EUA se envolvia, era sustentada por quatro pilares centrais: a extensão dos poderes presidenciais de Reagan, o anticomunismo, a diferenciação entre Autoritarismo e Totalitarismo e a militarização da política e da economia, questão também destacada por McCormick(1995, p.216).

Tais princípios podem ser definidos como as principais características da política externa dos EUA, algumas delas não se concentram em bases puramente estratégicas ou friamente racionais, mas em crenças ou ideologias que embasavam o pensamento do presidente Reagan e demais conservadores. Esse ideário se faz presente na cultura política de boa parte dos estadunidenses, em especial a este setor conservador da sociedade (LAFEBER, 1994, p.704). Ao compreender essas ideias e a sua difusão poderemos obter os subsídios indispensáveis para identificar a origem e a insistência do presidente Reagan em determinadas questões, como as atuações militares na América Latina e no Oriente Médio e o projeto SDI (StrategicDefenseInitiative), conhecido como Star Wars.

Os quatro pilares da política externa, apontados por LaFeber(1994), podem ser associados às questões internas dos EUA. Principalmente, no que diz respeito à extensão dos poderes presidenciais - que fez Reagan pressionar o Congresso dos EUA e, muitas vezes, passar por cima de regras e esferas de decisão domésticas – e à militarização que, como veremos mais adiante, trouxe graves conseqüências financeiras para a economia estadunidense.

De acordo com LaFeber(1994), o primeiro pilar da política externa de Reagan dispõe sobre uma extensão de seus poderes ao máximo, militarizando o discurso político e pressionando o fragmentado Congresso, em especial, a oposição a apoiar suas ações militares, muitas vezes, contra a opinião pública. Reagan utilizou táticas para intimidar o congresso, já que, conforme aponta o

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.251

autor, sua fragmentação contribuía para que muitos ficassem com medo de serem apontados como vilões da nação, caso suas políticas oposicionistas falhassem[iii].

O segundo pilar apontado pelo autor refere-se a um tradicional elemento da política estadunidense durante a Guerra Fria, o anticomunismo que, com Reagan, se fortaleceu e somou-se como um componente fundamental da "Nova Guerra Fria" e às disputas subjacentes a ela. O anticomunismo teve seu ápice nos anos mais acirrados da Guerra Fria (especialmente na década de 1950), tendo como exemplo maior o Macarthismo.[iv] Esse componente nunca deixou de existir na política estadunidense, porém, durante o período da coexistência pacífica, o anticomunismo foi menos utilizado pelo governo para se realizar pressões e manobras em favor de ações militares e políticas estadunidenses.

O anticomunismo era uma característica forte da personalidade Reagan, conforme já observamos, ele sempre esteve bastante presente em seus discursos e decisões políticas. Em suas declarações, Reagan repudiava a URSS e a qualificava como o "Império do Mal"[v]. Essa característica pautou suas políticas militares em relação à URSS. Seu argumento para a implantação de seus projetos armamentistas e intervenções em países periféricos era o da necessidade de combate a esse "Império".

Um conceito bastante contraditório, porém, de grande utilidade para a política externa de Reagan foi o da diferenciação entre Autoritarismo e Totalitarismo, que consiste o terceiro pilar para essa política, conforme LaFeber(1994). Essa diferenciação foi elaborada por Jeane J. Kirkpatrick, uma intelectual conservadora, designada embaixadora dos EUA na ONU em 1981.

Para Kirkpatrick, os Estados autoritários, apesar de suprimirem a liberdade da população na área política, eram abertos aos regimes democráticos, suportavam os EUA e mantinham-se abertos aos investimentos estrangeiros. Por isso não haveria problema em se conservar boas relações com países como África do Sul, cujo Apartheid impedia os negros de terem acesso à direitos básicos, bem como Filipinas e Argentina, governados por regimes ditatoriais.

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.251

Dentro desse corpo de ideias, o conceito de “Totalitarismo” se aplicava aos países que, conforme aponta LaFeber(1994, p. 706), não demonstravam possibilidade de se convergirem para a democracia, eram hostis aos princípios do capitalismo e se opunham aos interesses dos EUA, como a URSS, China e países periféricos que possuíssem governos esquerdistas. Em suma, essa conceituação permitia a Reagan aceitar as ditaduras de direita e combater as de esquerda.

Segundo o autor, esse conceito apresentou problemas, quando a “autoritária” Argentina atacou as ilhas Malvinas, território pertencente a um grande aliado democrático dos EUA, a Inglaterra. Logo, os EUA se viram obrigados a tomar partido contra uma ditadura direitista.

O quarto e ultimo pilar da política externa do governo Reagan se pauta em uma das principais características de sua administração: a massiva militarização, que fez disparar os gastos militares do governo. Os investimentos nesse setor sofreram um incremento de cerca de 40%, saltando de US$ 1,1 trilhão ao final da administração Carter para US$ 1,5 trilhão, apenas cinco anos depois, o que representou um aumento nos gastos militares da ordem de US$ 400 bilhões.

O projeto SDI (StrategicDefenseInitiative), conhecido como “Star Wars”, que pretendia construir um complexo escudo de defesa de mísseis, para barrar supostos ataques, com a destruição desses mísseis por meio de satélites lançados ao espaço, foi um dos exemplos dessa perspectiva da política externa do governo Reagan. Além disso, a própria atuação dos EUA, no que diz respeito às tensões em países periféricos, demonstra o enfoque militarista do governo Reagan, que fez do combate aos governos taxados de esquerdistas ou revolucionários uma prática bastante contínua, além do intenso esforço militar para manter o controle de pontos estratégicos do oriente médio e Ásia Central. Esta política é nítida ao observarmos a atuação dos EUA em relação aos conflitos israelense-palestino, ao Afeganistão, à Guerra Irã-Iraque, à Nicarágua e a El Salvador.

Esse aspecto militarista, nos leva, quase automaticamente, a um debate acerca da Doutrina Reagan, ou seja, um princípio a partir do qual Reagan e sua equipe pensaram, planejaram e elaboraram suas políticas de Estado.

10.4025/6cih.pphuem.251

Observamos que a Doutrina Reagan não se volta contra ditaduras de direita que restringiam a liberdade e a democracia no Terceiro Mundo. Ao contrário, Reagan apoiou ações visando à derrota de governos de esquerda por grupos de direita favoráveis a um regime ditatorial, como foi o caso da Nicarágua. A proposta da Doutrina Reagan, aparece claramente em um discurso da mensagem do presidente aos Estados da União em 1985, citada por Thomas McCormick no seguinte trecho:

> Liberdade não é somente uma prerrogativa de poucos escolhidos; ela é um direito universal de todas as crianças de Deus... [Paz e prosperidade florescem onde as pessoas vivem sob leis que garantam a liberdade de imprensa, a liberdade de expressão, a liberdade ao culto, votar e gerar riqueza. Nossa missão é alimentar e defender a liberdade e a democracia e comunicar esses ideais em todos os lugares que nós pudermos... Nós devemos estar a postos para nossos aliados democráticos. E nós não devemos perder a fé naqueles que estão arriscando suas vidas – em todos os continentes, do Afeganistão à Nicarágua – para desafiar as agressões apoiadas pelos Soviéticos e garantir direitos que devem ser nossos desde o nascimento... Apoio para os guerreiros da liberdade é auto-defesa". (MCORMICK,1995. p. 714)[vi]

Tal discurso pode ser considerado como uma espécie de resumo da Doutrina Reagan, que preza pela presença da atuação dos EUA no Terceiro Mundo, mas com uma diferença para momentos anteriores, pois a prioridade não era a de enviar tropas estadunidenses para os países periféricos, mas sim, a de fomentar a luta dentro dos próprios países, apoiando e financiando governos de direita ou grupos de oposição aos regimes de esquerda já existentes nos países em questão.

As ofensivas militares contra a esquerda nos países periféricos e para garantir o controle de regiões estratégicas para o comércio de petróleo, no Oriente Médio podem ser consideradas características centrais da política externa de Ronald Reagan. Foi dessa forma que a doutrina Reagan atuou no exterior.

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.251

É importante ressaltar que a questão econômica está presente nas políticas militares dos EUA, no que diz respeito à reativação da corrida armamentista, que demandou um altíssimo investimento econômico, produzindo um enorme lucro para esse setor, mas trazendo sérias conseqüências para a economia como um todo, com o enfraquecimento do setor de produção civil, além de uma consequente queda na competitividade dos EUA nos mercados internacionais e na produtividade nacional e o déficit orçamentário que o investimento em armamentos causou.

Ao observarmos o desenrolar da Guerra Fria durante a década de 1980, percebemos o retorno das principais bandeiras do auge do conflito, como o exacerbado anticomunismo, uma política bastante militarista e as trocas de acusações entre as nações.

Segundo Thomas McCormick (1995), a bandeira da Guerra Fria já havia sido desfraldada em fins do governo de Carter. Os motivos que fizeram esse embate ressurgir estão relacionados à sua política que via na ocupação soviética no Afeganistão, uma tentativa de expansão da URSS, e também por acusações aos soviéticos como forma de denunciar a violação dos direitos humanos naquele país.

No entanto, quem deu corpo à chamada “Nova Guerra Fria” foi o governo de Ronald Reagan, que introduziu um discurso militarista e uma política ofensiva em relação aos soviéticos. Em grande parte, essa política foi, como já afirmamos, uma forma de recuperar o prestígio e o poder dos EUA na política internacional, após a derrota do país na guerra do Vietnã. Para Eric Hobsbawm, ao observarmos a década de 1980, não conseguiríamos entender essa política sem olhar para a questão do Vietnã, pois, de acordo com ele,

> [...]a política de Ronald Reagan, eleito para a presidência em 1980, só pode ser explicada como uma tentativa de varrer a mancha da humilhação sentida demonstrando a inquestionável supremacia e invulnerabilidade dos EUA, se necessário com gestos de poder militar [...] (HOBSBAWM, 1995. P 244).

O autor traz esse argumento como a única explicação para a retomada da Guerra Fria. Concordamos com ele, no que diz respeito à existência do

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.251

motivo, mas acreditamos que existem questões muito mais amplas do que a apontada por Hobsbawm.

O governo Reagan precisava mostrar à sociedade estadunidense que o país poderia recuperar seu prestígio e lutar para manter sua hegemonia. No entanto, se ignorarmos as disputas dentro do cenário mundial, vendo-as apenas como uma forma de compensação interna, deixaremos de lado que essa luta pela hegemonia dos EUA realmente existiu durante a *Era Reagan*, sendo esta, uma opção do governo estadunidense, colocada em prática no jogo político das nações. As intervenções militares na América Latina e Oriente Médio exemplificam a realidade dessa luta e não apenas demonstrações de poder militar, já que havia objetivos concretos em se retomar a Guerra Fria.

Na realidade, se olharmos a situação a partir da perspectiva do sistema-mundo, veremos que a alternativa da militarização responde a diversos interesses pretendidos pelo governo de Reagan no campo econômico, no da política interna, no de se fortalecer na política externa e até mesmo no objetivo mais óbvio e, às vezes, esquecido, o de intimidar os soviéticos.

No que diz respeito à questão econômica, McCormick afirma que a área militar foi a escolha de Reagan para investimentos, com o objetivo de sair da crise. Seria uma espécie de setor chave que entraria em atividade e aos poucos iria ativando outros setores. No entanto, a alternativa não funcionou, pois a economia estadunidense se afundou mais em dívidas, o orçamento militar ultrapassou os limites financeiros do país e os demais setores da economia permaneceram travados. Houve um fenômeno contraditório: aumento dos lucros, sem aumento da produtividade. Apenas o setor militar foi alavancado e o subsídio às indústrias militares gerava lucros que atraiam o capital antes voltado para o setor civil de produção (MCCORMICK, 1995, p.228).

No campo político, Reagan teria uma compensação doméstica ao optar pela questão militar. Reagan detestava a URSS, se negava a dialogar com os governantes soviéticos e em seus discursos sempre chamava a atenção para o “perigo” que o “Império do Mal” representava. Ao utilizar um discurso que pregava a necessidade de se combater este “Império do Mal", Reagan conseguiu convencer o Congresso – às vezes até utilizando pressões ou

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.251

intimidações, como já afirmamos – a aprovar cada vez mais recursos para os gastos militares. Além disso, demonstrava para a opinião pública que os EUA haviam se recuperado do trauma do Vietnã.

Em adição, a retomada da corrida armamentista visava alcançar a superioridade estratégica sobre a URSS. Ao contrário do que afirmou Hobsbawm, havia a preocupação de conquistar uma posição de superioridade tecnológica em armamentos que permitisse uma folga para se poder aceitar negociações com a URSS. Além disso, conforme aponta Paulo Fagundes Vizentini(2004), para os EUA, essa superioridade iria forçar a URSS a aumentar seus gastos com armamentos, o que provocaria um abalo na economia soviética. A percepção de que a URSS estava com sua economia em crise profunda foi fundamental no empreendimento estadunidense.

Durante os primeiros anos do governo Reagan, especificamente até 1985, a relação entre URSS e EUA se manteve tensa. Ele realizou diversas pressões sobre os soviéticos, incluindo as ofensivas militares em países periféricos. Aliás, para Walter LaFeber(1984), toda a política externa de Reagan, foi observada partindo da constatação do conflito entre as duas superpotências.

Além da pressão militar, os EUA se utilizaram de embargos econômicos para afetar a URSS. Estes embargos geravam uma contradição imensa na política de Reagan. O presidente havia prometido, nas eleições, não intervir no mercado e no comércio internacional, pois de acordo com a sua noção de livre-mercado – defendida também por toda direita estadunidense –, o comércio se auto-regularia sem a intervenção do Estado. A partir dessa perspectiva, muitos acreditavam que ele não iria impor restrições a esse mercado. Entretanto, essa promessa cai por terra em 1981, quando após a Polônia impor a lei marcial, os EUA interromperam o fornecimento de alimentos para o país(LAFEBER, 1994, p.731).

Reagan caiu em contradição novamente, ao não permitir que os EUA fornecessem alta-tecnologia em extração de petróleo e gás aos países associados à URSS. No entanto, seus aliados na Europa e o Japão continuaram o fornecimento, alegando que, apesar de tudo, era muito mais seguro negociar o petróleo com os soviéticos do que com o *explosivo* mercado

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.251

do Oriente Médio. Reagan então tentou pressionar esses países por meio da intervenção em suas políticas domésticas, o que gerou uma reação furiosa de seus aliados e um posterior recuo da posição dos EUA (LAFEBER, 1994).

Enfim, no plano externo, apesar do vai e vem de Reagan, suapolítica de livre mercado e não intervenção no jogo econômico não possuiu grande efetividade. Se observarmos a questão dos subsídios militares, notaremos também que havia um hiato entre o seu discurso do laissez-faire e a prática política e econômica. Visto que a intervenção do governo, no que diz respeito aos incentivos à indústria militar, afetou o andamento da economia estadunidense de forma decisiva.

Uma das maiores insistências dos EUA no aspecto militar e que demandou investimentos colossais foi o SDI (StrategicDefenseInitiative) apelidado e conhecido como “Star Wars”. Conforme supracitado, o projeto tinha o objetivo de construir um escudo antimísseis, monitorado por satélite, capaz de defender os EUA e seus aliados de possíveis ataques soviéticos. Os críticos de Reagan apontavam o alto custo do projeto – US$ 1 trilhão – como um fator que agravaria o problema econômico e perpetuaria a não competitividade dos EUA no mercado mundial.

O SDI era visto como uma solução militar para os próprios problemas econômicos e para apaziguar a opinião pública no plano interno. Segundo Thomas McCormick, a administração Reagan tinha o objetivo de estabilizar a corrida armamentista através do SDI. Para o governante, uma política, que muitos achavam ser o estopim para a nova corrida armamentista, geraria um controle sobre as ações militares da URSS, que permitiria a manutenção do intuito estadunidense de patrulhar a segurança mundial, sem se preocupar em forçar novos investimentos no setor militar. A existência do sistema defensivo ao invés de um ofensivo faria toda a diferença, neutralizando a ação soviética, os EUA poderiam finalizar a corrida nuclear que não seria sustentada por muito tempo pelo país.

Caso funcionasse, o “Star Wars” colocaria os EUA em posição estratégica superior à URSS. Contudo, mesmo que enfrentasse diretamente os soviéticos, em caso de conflito bélico em solo Europeu, ainda assim os EUA supunham que se encontrariam em superioridade, pois imaginavam possuir

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.251

condições suficientes para conter e mesmo derrotar o Exército Vermelho (MCCORMICK, 1995, p.229). Conforme já afirmamos, essa idéia somente foi possível a partir da percepção de que a URSS estava passando por sérios problemas.

Ainda no que diz respeito à relação dos EUA com a URSS, devemos nos atentar para as negociações acerca dos mísseis de alcance-intermediário. Durante o período da Guerra Fria, os EUA instalaram bases de lançamento de mísseis em diversos locais do globo. Ambos os lados possuíam bases instaladas em território Europeu e durante a década de 1980, Reagan instalou mísseis de alcance intermediário na Alemanha. No entanto, os próprios Europeus se viam numa situação complicada, visto que ao mesmo tempo em que eram aliados e protegidos pelas políticas militares dos EUA, eles viam a política estadunidense empurrar o foco do conflito para a Europa, o que transformaria o continente em campo de batalha (MCCORMICK, 1995).

A posição geográfica dos EUA em relação à URSS asseguraria que a Europa seria um campo de batalha neutro, ou seja, oferecendo menos risco ao país, mas transformando-a num grande *cemitério*, em caso de um futuro conflito nuclear. Para os EUA, qualquer resultado obtido pelo *Star Wars* seria uma vitória, pois se os Soviéticos não reagissem à instalação dos mísseis, haveria superioridade política aos EUA, caso reagissem, de toda forma, teriam mísseis voltados para as cidades soviéticas que alcançariam seus destinos em minutos.

Essa intensa militarização, somada a eventos como o abatimento de um avião de passageiros Sul-coreano, que sobrevoava o território soviético[vii], fez com que ambos os países chegassem a um nível de tensão comparado apenas com os dos anos de ápice da Guerra Fria, em fins dos anos 1940 e início dos1950. Chegou-se a um ponto em que ambas as nações temiam por precipitações que gerariam um confronto de fato entre os países.

A partir desse momento, em especial na segunda metade da década de 1980, os EUA e a URSS decidiram optar por atitudes mais cautelosas. Reagan amenizou seu discurso e aceitou iniciar rodadas de negociações. Por outro lado, uma mudança decisiva ocorreu do lado soviético.

10.4025/6cih.pphuem.251

A ascensão do político soviético Mikhail Gorbachev, representou a virada nas relações entre EUA e URSS. Sua chegada ao poder em 1985 foi fundamental para mudar a perspectiva e alterar completamente o jogo político da Guerra Fria, após 40 anos de embates.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AGOSTINO, Carlos Gilberto Werneck. Guerra do Vietnã e Drogas. *In*: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos et. all (org.). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX:* as grandes transformações do mundo contemporâneo: conflitos, cultura e comportamento*.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. Neoliberalismo. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos et. all (org.). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*: as grandes transformações do mundo contemporâneo: conflitos, cultura e comportamento*.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

COMBAT, Flavio Alves. *Hegemonia e contradições no cenário financeiro internacional*: as conseqüências da Guerra do Vietnã (1965-1975) e da Guerra do Iraque (2003-em curso) para sustentação do Dólar como moeda central do sistema internacional. Dissertação de Mestrado, UFRJ.

FARNHAM, Barbara. Reagan and Gorbachev Revolution: Perceiving to End of Threat. Political Science Quartely. v.116, n.2, 2001. p.225-252.

HALLIDAY, Fred. *Génesis de La Segunda Guerra Fria*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos:*o breve século XX.São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KALDOR, Mary. Who Killed the Cold War? Bulletin of the Atomic Scientists; v.51, n.4 1995, p.57-60.

LAFEBER, Walter. *The American Age: United States foreign policy at home and abroad.* New York: W.W. Norton & Company, 1994.

McCORMICK, Thomas J. *America's Half Century. United States Foreign Policy in the Cold War and after*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1995.

MUNHOZ, Sidnei. *A construção do império estadunidense*, p. 251. In; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C.; CABRAL, Ricardo; MUNHOZ,Sidnei . Impérios na História. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2009, p. 245-258.

10.4025/6cih.pphuem.251

_____ .Guerra Fria: Um debate interpretativo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira (org.). O Século Sombrio: Uma História do Século XX. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____. CoexistenciaPácifica. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira (org). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX:* as grandes transformações do mundo contemporâneo: conflitos, cultura e comportamento*.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SILVA, Carlos L.B. Guerra do Vietnã. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira (org). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX:* as grandes transformações do mundo contemporâneo: conflitos, cultura e comportamento*.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. A Guerra Fria: o desafio socialista à ordem americana. Porto Alegre, Leitura XXI: 2004.

---

[i] Cabe lembrar que a Guerra do Vietnã, assim como a própria Guerra Fria como um todo, não era defendida apenas pelo Partido Republicano, mas também pelo Partido Democrata na maior parte do tempo. O que faz o fracasso no conflito influenciar essa curta retração no conservadorismo é o apoio irrestrito que os conservadores deram à guerra e a demora do governo de Richard Nixon em conseguir organizar uma retirada das tropas. Insistindo, no início de seu governo no aumento das proporções da guerra como forma de liquidar os vietnamitas.

[ii] entende-se que as questões se interagem no jogo político, gerando desdobramentos e conseqüências políticas. Estas, por serem globais, influenciam decisivamente o rumo dos problemas internos dos países; as questões internas, por sua vez, desempenham funções preponderantes nas ações das nações em relação às políticas externas. Visto que as relações capitalistas possuem um caráter global, elas permeiam as decisões nos contextos internos, originando uma unidade: o "Sistema-mundo",teoria pelo sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein a partir do qual Thomas McCormick (1995), realiza sua análise

[iii] Em questões como a do escândalo Irã-CONTRAS, a administração Reagan utilizou seus poderes de forma arbitrária, quando passou por cima de todas as esferas de decisão e fiscalização para realizar uma venda secreta de armamentos para o Irã, utilizando o dinheiro da venda para financiar o grupo paramilitar CONTRAS, na Guatemala,com o objetivo de derrubar o governo local.

[iv] Também conhecido como o período de "Caça às Bruxas", que teve como principal característica a criação de comitês parlamentares de investigação de atividades subversivas, como foi o caso do *PermanentInvestigatingSubcommitteeoftheGovernmentOperationsCommittee,* presidido pelo senador Republicano Joseph Raymond McCarthy. Este contexto é marcado pela intolerância aos comunistas e à qualquer perspectiva que pudesse ser considerada de esquerda, mesmo que remotamente.

[v] Como Reagan chamava os países de regime de esquerda, supondo serem todos controlados pela URSS.

[vi] Traduçãolivre doautor: "Freedom is not the sole prerogative of chosen few; it is the universal right of all God's children... [Peace and prosperity flourish where people live by laws that ensure free press, free speech, and freedom to worship, vote, and create wealth. Our mission is to nourish and defend freedom and democracy, and to communicate these ideals everywhere we can.... We must stand by all our democratic allies. And we must not break faith with those who are risking their lives – on every continent, from Afghanistan to Nicaragua – to defy Soviet-supported aggression and secure rights which have been ours from birth.... Support for freedomfightersis self-defense."

[vii] Em setembro de 1983, os soviéticos abateram o avião de passageiros South Korea 007, que matou 269 pessoas, incluindo alguns americanos a bordo. Os soviéticos alegaram que o avião havia desviado muito sua rota, e que ele fazia parte de uma missão estadunidense para

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013
10.4025/6cih.pphuem.251

observar instalações militares da URSS. Reagan rebateu, dizendo que não havia nenhuma missão para aquele avião, e mesmo que houvesse os soviéticos não possuíam o direito de abrir fogo contra um avião civil.